

UMA HISTORIA DE TODOS OS DIAS

I



o pavimento inferior da casa em que morava, habitava uma pobre moça com a filhinha, linda como um anjo.

Muitas vezes, ao voltar de minhas occupações, encontrava á porta da casa, e ao pé da escada que conduzia ao meu aposento, a interessante pequenina, que me estendia sorrindo a mão ou a fronte, em que costumava pousar um beijo.

A mãi era moça, bem moça ainda; mas não sei o que lhe passára pela vida, que tempestade lhe rugira no coração, que as rugas da velhice sulcavão aquelle semblante de moça, e fios de prata se misturavão ás longas tranças de seus cabellos pretos.

Rara vez a encontrava; mas quando a via, apertava-se-me o coração ao contemplar-lhe a tristeza profunda que lhe minava a vida, e fazia-me mal o sorriso frio e melancolico com que acolhia a saudação que lhe dirigia e as caricias que prodigalisava á filha.

Uma noite, voltando mais tarde, encontrei junto á porta a pöbre pequenina, que soluçava.

Apenas vio-me, ergueu-se e desatou a chorar.

— O que lhe aconteceu?... o que tem?... lhe perguntei.

— Mamãi está doente... muito doente... e eu lhe vim pedir para ir vê-la.

— Mas não chore, não ha de ser cousa de novidade.

E dirigi-me ao aposento que occupavão ambas.

Era a primeira vez que alli entrava, e comprehendi ao primeiro aspecto quanto de pobreza pairava por alli.

Nem uma cadeira, nem um movel qualquer!... completamente despida se achava a sala!...

Em uma camara pequena e sombria estava a doente, sobre uma cama.

Ao ver-me, roçou-lhe nos labios sorriso fugitivo, e, estendendo-me a mão, apontou-me para uma cadeira que alli se achava.

Assentei-me. A menina continuava a chorar na outra extremidade da camara.

Olhei para a doente, e vi que a molestia lhe havia escripto na fronte a derradeira palavra. Deverava-a a febre; não havia mais esperança de salvá-la.

— Acha-me muito mal, não é assim? perguntou-me.

Não respondi... E o que lhe houvera eu respondido?... Como a luz da alampada prestes a findar-se, assim estava ella. Animava-a febre; mas era o derradeiro lampejar da vida : a morte estava alli.

— Sei-o, disse-me ella, sei que bem pouco tempo me resta, e quiz aproveitar-o para confiar-vos o unico thesouro que me resta na vida... A ninguem tenho n'este mundo, a ninguem conheço; mas como poderei deixar minha pobre filha ao desamparo?... Pareceis-me bom, senhor, e Deos vos recompensará se vos encarregardes da pobrezinha, se servirdes de pai e de protector á orphã... Aceitais o legado, senhor? poderei morrer em paz?

— Sim, lhe respondi commovido, servirei de pai á orphãzinha que não tem pai.

E uma lagrima correu silenciosa pelas faces cavadas da moça.

— Creio no que me diz, senhor, e morro tranquillã... Deos lhe pague o bem que me faz!

Houve um momento de silencio, interrompido apenas pelo tossir frequente da enferma.

— Vou contar-lhe a minha historia; tem o direito de ouvil-a; deve saber que dôres curtiu a mãi d'aquella que vai adoptar por filha.

Ergueu-se um pouco, e, meio reclinada sobre o travesseiro, começou:

« Fui formosa, senhor... Deixe que lhe falle assim : n'esta hora, em face da morte, desaparecem as vaidades que tanto nos occupão na vida.

« Fui formosa, e, apesar dos estragos da molestia, ou antes apesar da ventania rija da desgraça, que tão cedo me crestou o coração, ainda conservo traços do que fui. »

E um sorriso frio lhe soabrio os labios pallidos.

« Era feliz a vida que levava em companhia de minha pobre mãe, que bem soffreu ella as dôres de sua filha... Era um anjo, e Deos levou-a depois de ter aqui padecido.

« Cresci á sombra d'aquella santa. Quanto a meu pai, não o conheci.

« Era uma noite chuvosa e fria. Assentada junto á mesa, lia eu em voz alta essas lindas historias da Biblia de que tanto gostava.

« E minha mãe rezava.

« Ouvimos então bem ao pé da porta, do lado da rua, como vozes que altercavão; ao depois um grito, e como um corpo pesado cahindo na calçada.

« Corrêmos ambas para a porta, abrimo-la, e encostado a ella vimos um moço lavado em sangue.

« Grossa cahia a chuva lá fóra, nem viva alma passava pela rua. Tivemos dó do moço e o recolhêmos á nossa casa.

« Não era grave a ferida: resvalára o ferro, que não pudera aprofundar.

« Contou-nos elle que fóra assaltado, ao voltar para casa, por um vulto, algum ladrão talvez, que o ferira e fugira, sem duvida receioso de que o grito que dera attrahisse gente.

« Mas pedia-nos que nada dissessemos, não sei por que razões que dera.

« Era mentira: soube ao depois que era a vingança de uma affronta de honra, de que réo se constituiria o miseravel.

« Que lhe direi eu, senhor?... amei-o... E o seductor sabia tão bem fingir amor!... Tinha tanta expressão nos olhos, tanta doçura na voz!... Amei-o por meu mal!

« Todas as noites vinha elle ter connosco, e todas as noites eu o esperava anciosa.

« Quanta vez ambos á janella, á luz pallida da lua, apertando as minhas mãos nas suas, fitando os seus olhos nos meus, me não dizia essas palavras de fogo que escaldão o sangue e penetrão fundo no coração!

« E minha pobre mãe rezava, encommendando a Deos a filha.

« Oh! que noites de delirio e de paixão!... que noites de febre e de amor!...

« Um dia, senhor, esta que aqui está vendo salpicou de infamia os cabellos brancos de sua mãe!... Punio-me Deos, porque não pude occultar aos olhos do mundo o fructo de meu crime.

« Disse-o a elle, pedindo-lhe que apressasse o dia de nosso casamento.

« A' noite recebi uma carta: era sua.

« O infame dizia-me que, a instancias de sua familia, tinha resolvido casar-se com uma outra mulher, e que me não veria mais.

« Quiz chorar ; não pude. Parece que, quando a dôr é profunda, seccão as lagrimas, porque o coração referve.

« Não sei ; mas o que é certo é que não pude chorar.

« Sem dizer palavra, entreguei a carta a minha mãe, que rezava.

« — Leia ; é d'elle.

« Leu-a, e depois olhou-me fixamente.

« Atravessava-me como uma lamina aquelle olhar fixo e profundo de minha mãe.

« — Bem, me disse, foi ainda a tempo : resigna-te, e ora.

« — Resignar-me ! gritei louca, atirando-me a seus pés ; resignar-me !... É que ainda não sabes que vou ser mãe !...

« — Quem ?... tu ?...

« — Sim !

« — Tu ?... minha filha ?...

« E nem mais uma palavra me disse a pobre velha... Olhou-me, olhou-me sempre, por muito tempo ; depois abriu os labios, e soltou uma risada, murmurando :

« — Pobre filha !... pobre filha !...

« E começou a cantar uma d'essas cantigas com que me embalava criança.

« Tinha enlouquecido. »

II

« Que dias passei eu, continuou a moça depois de repousar alguns momentos, que dias horriveis passei eu, senhor, pensando no crime do homem que eu havia amado com tão puro e tão santo affecto, no abysmo a que me arremessára em um momento de fascinação e de delirio, e obrigada a supportar o olhar sempre frio e sempre fixo de minha infeliz mãe, a murmurar constantemente : « Pobre filha !... pobre filha !... »

« E definhava ella. Fôra-lhe bem profundo o golpe. Diminuião-se-lhe as forças, e já nem mais podia erguer-se da cadeira em que rezava e me olhava.

« Um dia, passou-o ella bem mal ; mais cavados lhe estavam os olhos, mais pallidas as faces, e murmurava ou antes soluçava não sei que palavras que não pude comprehender.

« A' noite quiz erguer-se, como costumava, para se ir deitar ; não pôde. Levei-a eu para a cama ; mas apenas deitou-se, senti-lhe o estertor da agonia lhe apertar as fauces.

« Morria ella, senhor, aquella santa que tanto me havia amado ; morria... e era eu, sua filha, quem a matava.

« Matou-a a deshonra com que lhe enxovalhára eu os cabellos brancos, e as palavras derradeiras que proferio forão ainda as que constantemente me dirigia :

« — Pobre filha!... pobre filha!...

« Morrêra...

« E a seu lado cahi sem sentidos no chão frio.

« Em meio da noite tornei a mim; ergui-me sem saber o que fazia, sem me lembrar de cousa alguma; dei alguns passos, e cahi sobre a cama, junto ao corpo inanimado de minha mãe.

« A luz mortíca da vela alumiaava aquella scena de luto e de desgraça.

« O que deveria eu fazer?... Mil pensamentos confusos me turbilhonavão na mente, ardia-me a cabeça, batião-me as fontes, e a lembrança da morte me perpassou vaga pela idéa.

« Parecia-me que era a felicidade, porque era o terminar de meus soffrimentos.

« Acariciei-a no pensamento, e sentia-me attrahida por não sei que força irresistivel.

« Em face do cadaver de minha mãe, resolvi morrer.

« Faltava-me o ar; queria respirar. Corri para a janella; abri-a.

« Estava tão linda a noite!... A lua passeava em pino no meio do céu, e os seus reflexos prateavão as aguas do mar, que parecião adormecidas ao reflexo da lua.

« Olhei por muito tempo para aquelle mar tão calmo... Ah! bella mortalha, dizia comigo, para quem soffre taes torturas!...

« E parecia-me que me chamava o mar, e que uma voz me murmurava aos ouvidos :

« — Vai : alli está o repouso, alli a calma.

« Sahi da janella, resolvida a commetter mais outro crime.

« A luz da vela havia-se extinguido. Um raio da lua tinha penetrado na camara, e fôra cahir tremulo sobre uma imagem do Christo que pendia á cabeceira de minha mãe.

« Fôra elle que lhe ouvira e recebêra seu derradeiro gemido.

« Lembrei-me então de tudo quanto me havia ella ensinado, e despertárão-se-me no coração as idéas religiosas que ella havia procurado incutir alli.

« E cahi soluçando aos pés do cruceifixo.

« — E tu tambem soffreste, murmurei eu, e tu tambem foste victima da perfidia dos homens!... Perdôa-me o mal que lhe fiz a ella, a minha pobre mãe!... perdôa-me o crime, porque tambem hei soffrido muito!...

« Chorei; pela primeira vez de meus olhos seccos e ardentes gottejarão la-

grimas... pude orar... Abençoadas as lagrimas que consolão, e a oração que fortalece!

« Senti-me reanimada.

« Ouvira-me o Christo, e dera-me a força de que eu carecia.

« Ah! não perdoou elle a Magdalena, que soluçava tambem?

.

« Cinco mezes depois me nascia aquella pobre criança.

« Todo o affecto de meu coração, dei-o eu a ella, a pobrezinha, que não tinha culpa do crime de seu pai.

« Conhecia porém eu que tantas desgraças me consumião a vida. Forão o delirio e a vertigem da dôr substituidos por uma tristeza perpetua, que me não abandonava nunca. Queria viver para minha filha; mas sentia que ia rapidamente caminhando para a morte, e esta certeza me augmentava ainda mais a amargura dos dias.

« Queria viver para ella sómente, porque para mim insupportavel me continuava a vida.

« E já lá vão cinco annos, cinco annos de martyrio e de lagrimas, cinco annos de soffrer intenso, sem treguas, sem descanso!...

« Vou morrer, conheço-o; sinto abandonar-me a vida, e o corpo pesado parece procurar o repouso da sepultura. Amanhã, hoje mesmo, quem sabe? terei cessado de soffrer, porque terei cessado de existir; mas bem horrivel me seria a morte se não soubesse que deixava amparada minha filha.

« Em presença da morte, o senhor, disse fitando-me os olhos cheios de lagrimas, aceita o legado que lhe deixo? servirá de pai á orphãzinha? »

— Aceito, respondi.

E correndo para a pobre criança, apertei-a em meus braços.

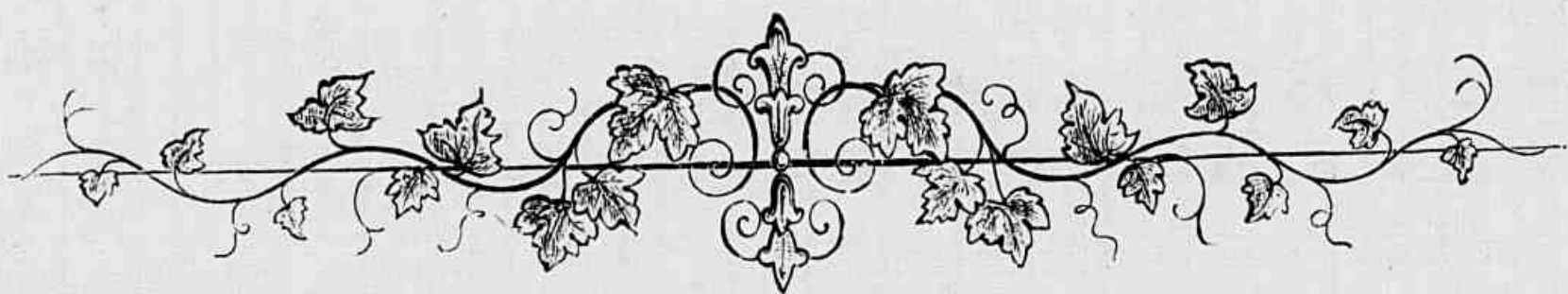
Ergueu-se a custo, apertou tambem a filhinha contra o seio, deu-lhe um beijo na fronte, e cahio sobre o travesseiro, suffocada pela tosse e inundando-o de sangue.

No outro dia, aos primeiros raios do sol, apertando minhas mãos nas suas, dava ella o derradeiro suspiro.

Os anjos do céo tinham mais um anjo, que voára da terra.

O martyrio a havia purificado, e a mesquinha tinha ido descansar no seio de Deos.

A' orphã tenho eu servido de pai, porque aceitei o legado deixado á beira do sepulcro.



VIRGINIUS

NARRATIVA DE UM ADVOGADO

— FIM —



Passarão-se os dias. Pio não se animava a separar-se de seu filho para que este seguisse uma carreira politica, administrativa ou judiciaria. Entretanto, notava-lhe muitas differenças em comparação com o rapaz que, annos antes, lhe sahira de casa. Nem idéas, nem sentimentos, nem habitos erão os mesmos. Cuidou que fosse um resto da vida escolastica, e esperou que a differença da atmospherá que voltava a respirar e o espectáculo da vida simples e chã da fazenda o restabelecessem.

O que o magoava sobretudo, é que o filho bacharel não buscasse os livros, onde pudesse, procurando novos conhecimentos, entreter uma necessidade indispensavel para o genero de vida que ia encetar. Carlos não tinha mais que uma occupação e uma distracção : a caça. Levava dias e dias a correr o mato em busca de animaes para matar, e n'isso fazia consistir todos os cuidados, todos os pensamentos, todos os estudos.

Ao meio-dia era certo vê-lo chegar ao sitio de Julião, e ahi descansar um bocado, conversando sobranceiro com a filha do infatigavel lavrador. Este chegava, trocava algumas palavras de respeitosa estima com o filho de Pio, offe-

recia-lhe parte do seu modesto jantar, que o moço não aceitava, e discorria, durante a refeição, sobre os objectos relativos á caça.

Passavão as cousas assim sem alteração de natureza alguma.

Um dia, ao entrar em casa para jantar, Julião notou que sua filha parecia triste. Reparou, e vio-lhe os olhos vermelhos de lagrimas. Perguntou o que era. Elisa respondeu que lhe doia a cabeça; mas durante o jantar, que foi silencioso, Julião observou que sua filha enxugava furtivamente algumas lagrimas. Nada disse; mas, terminado o jantar, chamou-a para junto de si, e com palavras brandas e amigas exigio-lhe que dissesse o que tinha. Depois de muita reluctancia, Elisa fallou :

— Meu pai, o que eu tenho é simples. O Sr. Carlos, em quem comecei a notar mais amizade que ao principio, declarou-me hoje que gostava de mim, que eu devia ser d'elle, que só elle me poderia dar tudo quanto eu desejasse, e muitas outras cousas que eu nem pude ouvir, tal foi o espanto com que ouvi as suas primeiras palavras. Declarei-lhe que não pensasse cousas taes. Insistio; repelli-o... Então, tomando um ar carrancudo, sahio, dizendo-me :

— Has de ser minha!

Julião estava attonito. Inquirio sua filha sobre todas as particularidades da conversa referida. Não lhe restava duvida ácerca dos máos intentos de Carlos. Mas como de um tão bom pai pudera sahir tão máo filho? perguntava elle. E esse proprio filho não era bom antes de ir para fóra? Como exprobrar-lhe a sua má acção? E poderia fazê-lo? Como evitar a ameaça? Fugir do lugar em que morava o pai não era mostrar-se ingrato? Todas estas reflexões passárão pelo espirito de Julião. Via o abysmo a cuja borda estava, e não sabia como escapar-lhe.

Finalmente, depois de animar e tranquillisar sua filha, Julião sahio, de plano feito, na direcção da fazenda, em busca de Carlos.

Este, rodeado por alguns escravos, fazia limpar varias espingardas de caça. Julião, depois de comprimental-o alegremente, disse que lhe queria fallar em particular. Carlos estremeceu; mas não podia deixar de ceder.

— Que me queres, Julião? disse depois de se afastar um pouco do grupo.

Julião respondeu :

— Sr. Carlos, venho pedir-lhe uma cousa, por alma de sua mãe!... Deixe minha filha socegada.

— Mas que lhe fiz eu? titubeou Carlos.

— Oh! não negue, porque eu sei.

— Sabe o que?

— Sei da sua conversa de hoje. Mas o que passou, passou. Fico sendo seu amigo, mais ainda, se me não perseguir a pobre filha que Deos me deu... Promette?

Carlos esteve calado alguns instantes. Depois :

— Basta, disse ; confesso-te, Julião, que era uma loucura minha de que me arrependo. Vai tranquillo : respeitarei tua filha como se fosse morta.

Julião, na sua alegria, quasi beijou as mãos de Carlos. Correu á casa e referio a sua filha a conversa que tivera com o filho de *Pai de todos*. Elisa não só por si como por seu pai, estimou o pacifico desenlace.

Tudo parecia ter voltado á primeira situação. As visitas de Carlos erão feitas nas horas em que Julião se achava em casa, e além d'isso, a presença de uma parenta velha, convidada por Julião, parecia tornar impossivel nova tentativa da parte de Carlos.

Uma tarde, quinze dias depois do incidente que narrei acima, voltava Julião da fazenda do velho Pio. Era já perto da noite. Julião caminhava vagarosamente, pensando no que lhe faltaria ainda para completar o peculio de sua filha. N'essas divagações, não reparou que anoitecêra. Quando deu por si, ainda se achava umas boas braças distante de casa. Apressou o passo. Quando se achava mais perto, ouviu uns gritos suffocados. Deitou a correr e penetrou no terreiro que circumdava a casa. Todas as janellas estavam fechadas; mas os gritos continuavão cada vez mais angustiosos. Um vulto passou-lhe pela frente e dirigio-se para os fundos. Julião quiz seguil-o; mas os gritos erão muitos, e de sua filha. Com uma força difficil de crer em corpo tão pouco robusto, conseguiu abrir uma das janellas. Saltou, e eis o que vio :

A parenta que convidára a tomar conta da casa estava no chão, atada, amordaçada, exhausta. Uma cadeira quebrada, outras em desordem.

— Minha filha! exclamou elle.

E atirou-se para o interior.

Elisa debatia-se nos braços de Carlos, mas já sem forças nem esperanças de obter misericordia.

No momento em que Julião entrava por uma porta, entrava por outra um individuo mal conceituado no lugar, e até conhecido por assalariado nato de todas as violencias. Era o vulto que Julião vira no terreiro. E outros havião ainda, que apparecêrão a um signal dado pelo primeiro, mal Julião entrou no lugar em que se dava o triste conflicto da innocencia com a perversidade.

Julião teve tempo de arrancar Elisa dos braços de Carlos. Cego de raiva, travou de uma cadeira e ia atirar-lh'a, quando os capangas, entrados a este tempo, o detiverão.

Carlos voltára a si da surpresa que lhe causára a presença de Julião. Reco-

brando o sangue-frio, cravou os olhos odientos no desventurado pai, e disse-lhe com voz sumida :

— Ilas de pagar-me!

Depois, voltando-se para os ajudantes das suas façanhas, bradou :

— Amarrem-o!

Em cinco minutos foi obedecido. Julião não podia lutar contra cinco.

Carlos e quatro capangas sahirão. Ficou um de vigia.

Uma chuva de lagrimas rebentou dos olhos de Elisa. Doia-lhe na alma ver seu pai atado d'aquelle modo. Não era já o perigo a que escapára o que a commovia; era não poder abraçar seu pai livre e feliz. E porque estaria atado? Que intentava Carlos fazer? Matal-o? Estas lugubres e aterradoras idéas passarão rapidamente pela cabeça de Elisa. Entre lagrimas communicou-as a Julião.

Este, calmo, frio, impavido, tranquillizou o espirito de sua filha, dizendo-lhe que Carlos poderia ser tudo, menos um assassino.

Seguirão-se alguns minutos de angustiosa espera. Julião olhava para sua filha e parecia reflectir. Depois de algum tempo, disse :

— Elisa, tens realmente a tua deshonra por uma grande desgraça?

— Oh! meu pai! exclamou ella.

— Responde : se te faltasse a pureza que recebeste do céo, considerar-te-hias a mais infeliz de todas as mulheres?

— Sim, sim, meu pai!

Julião calou-se.

Elisa chorou ainda. Depois voltou-se para a sentinella deixada por Carlos e quiz implorar-lhe misericordia. Foi atalhada por Julião :

— Não peças nada, disse este. Só ha um protector para os infelizes : é Deos. Ha outro depois d'elle; mas esse está longe... *O' Pai de todos*, que filho te deu o Senhor!...

Elisa voltou para junto de seu pai.

— Chega-te para mais perto, disse este.

Elisa obedeceu.

Julião tinha os braços atados; mas podia mover, ainda que pouco, as mãos. Procurou afagar Elisa, tocando-lhe as faces e beijando-lhe a cabeça. Ella inclinou-se e escondeu o rosto no peito de seu pai.

A sentinella não dava fé do que se passava. Depois de alguns minutos do abraço de Elisa e Julião, ouviu-se um grito agudissimo. A sentinella correu aos dous. Elisa cahira completamente, banhada em sangue.

Julião tinha procurado a custo apoderar-se de uma faca de caça deixada por Carlos sobre uma cadeira. Apenas o conseguiu, cravou-a no peito de Elisa.

Quando a sentinella correu para elle, não teve tempo de evitar o segundo golpe, com que Julião tornou mais profunda e mortal a primeira ferida. Elisa rolou no chão nas ultimas convulsões.

— Assassino! clamou a sentinella.

— Salvador!... salvei minha filha da deshonra!

— Meu pai!... murmurava a pobre pequena expirando.

Julião, voltando-se para o cadaver, disse, derramando duas lagrimas, duas só, mas duas lavas rebentadas do volcão de sua alma :

— Dize a Deos, minha filha, que te mandei mais cedo para junto d'elle para salvar-te da deshonra.

Depois fechou os olhos e esperou.

Não tardou que entrasse Carlos, acompanhado de uma autoridade policial e varios soldados.

Sahindo da casa de Julião, teve a idéa damnada de ir declarar á autoridade que o velho lavrador tentára contra a vida d'elle, razão por que teve de lutar, e conseguira deixal-o amarrado.

A surpresa de Carlos e dos policiaes foi grande. Não cuidavão encontrar o espectáculo que a seus olhos se offereceu. Julião foi preso. Não negou o crime. Sómente reservou-se para contar as circumstancias d'elle na occasião competente.

A velha parenta foi desatada, desamordaçada e conduzida á fazenda de Pio.

Julião, depois de contar-me toda a historia cujo resumo acabo de fazer, perguntou-me :

— Diga-me, Sr. doutor, póde ser meu advogado? Não sou criminoso?

— Serei seu advogado. Descanse, estou certo de que os juizes reconhecerão as circumstancias attenuantes do delicto.

— Oh! não é isso que me aterrorisa. Seja ou não condemnado pelos homens, é cousa que nada monta para mim. Se os juizes não fõrem pais, não me comprehenderão, e então é natural que sigão os dictames da lei. Não matarás, é dos mandamentos, eu bem sei...

Não quiz magoar a alma do pobre pai continuando n'aquelle dialogo. Despedi-me d'elle e disse que voltaria depois.

Sahi da cadêa alvoroçado. Não era romance, era tragedia o que eu acabava de ouvir. No caminho as idéas se me clarearão. Meu espirito voltou-se vinte e tres seculos atrás, e pude ver, no seio da sociedade romana, um caso identico ao que se dava na villa de ***.

Todos conhecem a lugubre tragedia de Virginius. Tito-Livio, Diodoro de Sicilia e outros antigos fallão d'ella circumstanciadamente. Foi essa tragedia

a precursora da queda dos decemviros. Um d'estes, Appio Claudio, apaixonou-se por Virginia, filha de Virginius. Como fosse impossivel de tomal-a por simples sympathia, determinou o decemviro empregar um meio violento. O meio foi escravisa-la. Peitou um sycophanta, que apresentou-se aos tribunaes reclamando a entrega de Virginia, sua escrava. O desventurado pai, não conseguindo commover nem por seus rogos, nem por suas ameaças, travou de uma faca de açougue e cravou-a no peito de Virginia.

Pouco depois cahião os decemviros e restabelecia-se o consulado.

No caso de Julião não havião decemviros para abater nem consules para levantar ; mas havia a moral ultrajada e a malvadez triumphante. Infelizmente estão ainda longe, esta da geral repulsão, aquella do respeito universal.

III

Fazendo todas estas reflexões, encaminhava-me eu para a casa do amigo em que estava hospedado. Occorreu-me uma idéa, a de ir á fazenda de Pio, autor do bilhete que me chamára da cõrte, e de quem eu podia saber muita cousa mais.

Não insisto em observar a circumstancia de ser o velho fazendeiro quem se interessava pelo réo e pagava as despezas da defesa nos tribunaes. Já o leitor terá feito essa observação, realmente honrosa para aquelle deos da terra.

O sol, apesar da estação, queimava sufficientemente o viandante. Ir a pé á fazenda, quando podia ir a cavallo, era ganhar fadiga e perder tempo sem proveito. Fui á casa e mandei apromptar o cavallo. O meu hospede não estava em casa. Não quiz esperal-o, e sem mais companhia dirigi-me para a fazenda.

Pio estava em casa. Mandei-lhe dizer que uma pessoa da cõrte desejava falar-lhe. Fui recebido em continente.

Achei o velho fazendeiro em conversa com um velho padre. Parecião, tanto o secular como o ecclesiastico, dous verdadeiros soldados do Evangelho combinando-se para a mais extensa pratica do bem. Tinhão ambos a cabeça branca, o olhar sereno, a postura grave e o gesto despretencioso. Transluzia-lhes nos olhos a bondade do coração. Levantárão-se quando appareci e vierão cumprimentar-me.

O fazendeiro era quem chamava mais a minha attenção, pelo que ouvira dizer d'elle ao meu amigo e ao pai de Elisa. Pude observal-o durante alguns minutos. Era impossivel ver aquelle homem e não adivinhar o que elle era. Com uma palavra branda e insinuante disse-me que diante do capellão não

tinha segredos, e que eu dissesse o que tinha para dizer. E começou por me perguntar quem era eu. Disse-lh'o; mostrei-lhe o bilhete, declarando que sabia ser d'elle, razão por que o procurára.

Depois de algum silencio disse-me :

— Já fallou a Julião?

— Já.

— Conhece então toda a historia?

— Sei do que elle me contou.

— O que elle lhe contou é o que se passou. Foi uma triste historia que me envelheceu ainda mais em poucos dias. Reservou-me o céo aquella tortura para o ultimo quartel da vida. Soube o que fez. É soffrendo que se aprende. Foi melhor. Se meu filho havia de esperar que eu morresse para praticar actos taes com impunidade, bom foi que o fizesse antes, seguindo-se assim ao delicto o castigo que mereceu.

A palavra *castigo* impressionou-me. Não me pude ter e disse-lhe :

— Falla em castigo. Pois castigou seu filho?

— Pois então? Quem é o autor da morte de Elisa?

— Oh!... isso não, disse eu.

— Não foi autor, foi causa. Mas quem foi o autor da violencia á pobre pequena? Foi de certo meu filho.

— Mas esse castigo?...

— Descanse, disse o velho adivinhando a minha indiscreta inquietação. Carlos recebeu um castigo honroso, ou, por outra, soffre como castigo aquillo que devia receber como honra. Eu o conheço. Os commodos da vida que teve, a carta que alcançou pelo estudo, e certa dóse de vaidade que todos nós recebemos do berço, e que o berço lhe deu a elle em grande dóse, tudo isso é que o castiga n'este momento, porque tudo foi desfeito pelo genero de vida que lhe fiz adoptar. Carlos é agora soldado.

— Soldado! exclamei eu.

— É verdade. Objectou-me que era doutor. Disse-lhe que devia lembrar-se de que o era quando penetrou na casa de Julião. A muito pedido, mandei-o para o sul, com promessa jurada, e avisos particulares e reiterados, de que, mal chegasse alli, assentasse praça em um batalhão de linha. Não é um castigo honroso? Sirva a sua patria, e guarde a fazenda e a honra dos seus concidadãos: é o melhor meio de aprender a guardar a honra propria.

Continuámos em nossa conversa durante duas horas quasi. O velho fazendeiro mostrava-se magoadissimo sempre que volviamos a fallar do caso de Julião. Depois que lhe declarei que tomava conta da causa em defesa do réo, instou comigo para que nada poupasse afim de alcançar a diminuição da pena

de Julião. Se fôr preciso, dizia elle, apreciar com as considerações devidas o acto de meu filho, não se acanhe: esqueça-se de mim, porque eu tambem me esqueço de meu filho.

Comprimentei aquella virtude romana, despedi-me do padre, e sahi, depois de prometter tudo o que me foi pedido.

IV

— Então, fallaste a Julião? perguntou o meu amigo quando me vio entrar em casa.

— Fallei, e fallei tambem ao *Pai de todos*... Que historia, meu amigo!... Parece um sonho.

— Não te disse?... E defendes o réo?

— Com toda a certeza.

Fui jantar, e passei o resto da tarde conversando ácerca do acto de Julião e das virtudes do fazendeiro.

Poucos dias depois installou-se o jury onde tinha de comparecer Julião.

De todas as causas, era aquella a que mais medo me fazia; não que eu duvidasse das attenuantes do crime, mas porque receíava não estar na altura da causa.

Toda a noite da vespera foi para mim de verdadeira insómnia. Emfim raiou o dia marcado para o julgamento de Julião. Levantei-me, comi pouco e distrahido, e vesti-me. Entrou-me no quarto o meu amigo.

— Lá te vou ouvir, disse-me elle abraçando.

Confessei-lhe os meus receios; mas elle, para animar-me, entreteceu uma grinalda de elogios que eu mal pude ouvir, no meio das minhas preocupações.

Sahimos.

Dispenso os leitores da narração do que se passou no jury. O crime foi provado pelo depoimento das testemunhas; nem Julião o negou nunca. Mas apezar de tudo, da confissão e da prova testemunhal, auditorio, jurados, juiz e promotor, todos tinham pregados no réo olhos de sympathia, admiração e compaixão.

A accusação limitou-se a referir o depoimento das testemunhas, e quando, terminando o seu discurso, teve de pedir a pena para o réo, o promotor mostrava-se envergonhado de estar tremulo e commovido.

Tocou-me a vez de fallar. Não sei o que disse. Sei que as mais ruidosas pro-

vas de adhesão surgirão no meio do silencio geral. Quando terminei, dous homens invadirão a sala e abraçarão-me commovidos : o fazendeiro e o meu amigo.

Julião foi condemnado a dez annos de prisão. Os jurados tinham ouvido a lei, e igualmente, talvez, o coração.

.

V

No momento em que escrevo estas paginas, Julião, tendo já cumprido a sentença, vive na fazenda de Pio. Pio não quiz que elle voltasse ao lugar em que se dera a catastrophe, e fal-o residir ao pé de si.

O velho fazendeiro tinha feito recolher as cinzas de Elisa em uma urna, ao pé da qual vão ambos orar todas as semanas.

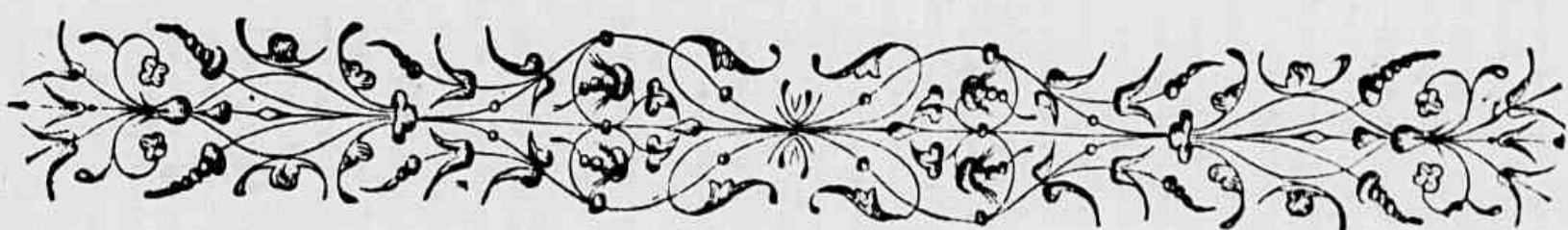
Aquelles dous pais, que assistirão ao funeral das suas esperanças, achão-se ligados intimamente pelos laços do infortunio.

Na fazenda falla-se sempre de Elisa, mas nunca de Carlos. Pio é o primeiro a não magoar o coração de Julião com a lembrança d'aquelle que o levou a matar sua filha.

Quanto a Carlos, vai resgatando como póde o crime com que attentou contra a honra de uma donzella e contra a felicidade de dous pais.

MACHADO DE ASSIS.





VIAGENS

UM CASAMENTO NA ROÇA



O estudo dos costumes locais, como por mais de uma vez temos escripto, é ainda um elemento a explorar para o drama e o romance nacional. Quando chegar o tempo em que a nossa litteratura, tão balda actualmente de estímulos, entrar em uma senda mais desassombrada, estamos convictos que muito partido se deve tirar das ceremonias, dos usos, da originalidade pittoresca do viver intimo das povoações do interior, assim como do caracter peculiar de seus habitantes, inesgotavel manancial dos mais curiosos e singulares contrastes.

A capital do imperio não offerece cousa alguma que possa surprender a admiração do estrangeiro. É um arremedo de todas as cidades do mundo, com a differença que ainda não corresponde pela magestade de seus edificios, ou pelo progresso da arte no embellezamento de suas construcções, ao que encontramos em muitas outras cidades americanas, nem ao que se devia esperar de sua grandeza, população e opulencia. Os seus costumes, os seus usos, a sua sociedade, pouco differem de qualquer cidade européa, se exceptuarmos a falta de movimento a que circumstancias transitorias a sujeitão n'este momento.

Para sahirmos portanto d'esta monotonia habitual, vamos viajar um pouco,

e pedir ao campo, á natureza, ao ar livre das florestas e das montanhas, scenas que nos impressionem, e agitem o espirito quasi estagnado no marasmo esteril que, como endemica atmosphaera, nos parece acommetter de todos os lados.

Continuemos a nossa digressão pela provincia de S. Paulo. É tão doce o seu clima, tão amena a sua natureza, tão puros os seus horizontes, tão gigantescos os seus sertões, longos e formosos os seus rios, que nos será grato ainda demorar-nos em seus dominios, e admirar este conjunto observando os ritos populares de seus habitantes e o seu trato franco e caracteristico.

Fomos convidado para assistir ás bodas de um casamento nas proximidades da cidade de ***. Os arredores d'esta povoação encantão a alma do viandante, offerecendo-lhe as mais risonhas paisagens, por entre cuja vegetação alvejam as casinhas alvas dos *sitios* campestres, pendidas pelo encosto das collinas, ou adormecidas no seio dos valles, como essas *villas* que se encontrão, verdadeiros templos entre tapetes de flôres, nos arrabaldes das cidades da Italia.

Partimos, formando parte de uma luzida cavalgada. Mais de trinta pessoas compunhão a nossa comitiva. O dia estava esplendido, e apesar do sol, bastante intenso, ninguem se acobardou com a distancia. Tinhamos perto de cinco leguas para andar.

A primeira parte da viagem, em toda a plenitude do calor, terminou por um descanso de duas horas em um dos *sitios* do caminho. As nossas boas disposições, e o cordial agasalho que se nos fez, despertarão ainda mais a veia jovial dos convivas, e essas duas horas passarão como uma aragem perfumada.

A's quatro horas da tarde montámos de novo a cavallo, e seguimos.

Com a descabida do dia e o desdobrar das sombras o ar tornára-se mais puro, e os perfumes das flôres agrestes embalsamavão a atmosphaera fluctuante entre o azul e a purpura. Attribua-se embora á indole impressionavel de nossa imaginação o effeito que nos produz a luxuosa opulencia da vegetação e da natureza intertropicaes, o que podemos affirmar é que, por mais arrojada que seja a nossa fantasia, e mais creador o nosso pensamento, não é possivel reproduzir os admiraveis paineis que successivamente se desenrolavão á nossa vista, ao proseguirmos esta jovial romaria.

Grandes porções da estrada erão guarnecidas de um e outro lado por espinheiros e arbustos, de cujas hastes pendião virentes festões de flôres escarlates, azues, e outras de um amarello dourado, formando grinaldas, ou entrelaçando-se com as trepadeiras e os cipós, que se agitavão ao leve e quasi insensivel sopro da briza. Os aromas derramavão-se d'estas urnas naturaes como o incenso dos thuribulos.

Aspirava-se no meio d'este sanctuario da creação alguma cousa mais que o alimento da vida; reanimava-se o espirito, retemperava-se a alma, embriagavam-se os sentidos, porque o sopro da liberdade, a reminiscencia do mundo primitivo, parecia duplicar-nos a existencia.

Sahindo do meio d'estas trincheiras de verdura e de boninas, o horizonte rasgava-se subitamente diante de nós, e via-se ao longe as montanhas azuladas da serra, a sombra espessa das matas, o brilho argentino do corrego deslizando-se por entre alfombras avelludadas, e um ou outro *sítio* circumdado de verdes e alinhados cafezaes, formando bellas e extensas plantações.

O caminho foi uma continua distracção. Em menos tempo do que esperavamos, ou antes sem nos lembrarmos que elle passava, chegámos á porta de um *sítio*, dependencia da fazenda para onde nos dirigiamos, á qual nos apeámos, afim de sujeitar o nosso *toilette* á necessidade de uma transformação completa. As nossas roupas de viagem, assim como nós proprios, estavam incapazes de figurar em uma reunião tão brilhante, graças á poeira e ao calor, que nos haviam dado o aspecto de verdadeiros sertanistas.

Aqui principiou o *ferret opus*. Todos querião lavar-se e vestir-se ao mesmo tempo, porque já não era cedo para a cerimonia, questão para que até este momento ninguem havia reparado. As bacias de rosto, os jarros e as toalhas andavão em movimento continuo das mãos de uns para as mãos de outros convidados.

Todos se lavavão, vestião, penteavão, fallavão, acotovellavão e rião ao mesmo tempo, produzindo uma confusão tão singular, que mais parecia uma das caricaturas do pintor inglez Hogarth do que uma scena da vida real. Quando este conflicto terminou, notei que se havia na verdade operado uma grande transformação no aspecto exterior de todos os meus companheiros; pois agora, mais ou menos elegantemente encasacados, tinham a importancia e até a semelhança de uma commissão que vai desempenhar uma homenagem official. Todos ficárão de repente serios, de tão risonhos que estavam.

A casaca é um vestuario cuja influencia exercida sobre o individuo que a veste ainda não foi devidamente estudada. Transforma tudo: os parvos em sisudos, e algumas vezes até os sisudos em parvos.

Assim, pois, com ar de imperturbavel seriedade, a pé e em procissão, dirigimo-nos á fazenda onde nos esperavão os noivos, que pouco distava do lugar onde nos achavamos.

É para nós lisongeiro confessar que eramos anciosamente esperados. Aguardava-se apenas a nossa chegada para dar começo á festa.

Fomos recebidos com essa cordialidade que por toda a parte reina no interior do paiz. As senhoras occupavão quasi todas as cadeiras da sala, e os

homens passeavão, a maior parte d'elles, preoccupadissimos com o terrivel empenho de calçar luvas de pellica brancas, cujos fabricantes, devemos notal-o de relance, não lhes havião dado a natural elasticidade de residencia. No fim de um quarto de hora d'este incrivel trabalho, cada luva tinha mais buracos que o numero dos dedos de cada mão multiplicado por cinco.

A noiva, como senhora, como moça, como bonita, e por todos os motivos emfim, merece uma descripção especial. Era uma linda e engraçada moreninha, de dezenove a vinte annos de idade. Bem penteada, vestida com gosto, envolvida no véo vaporoso de filó branco, e coroada pelo diadema virginal de flôres de lorangeira, attrahia naturalmente a attenção e a curiosidade de todos os espectadores. Não estava triste nem alegre. Tinha um sorriso mais malicioso do que timido. A explicação era facil de encontrar, olhando-se para a pessoa que lhe estava destinada por marido. Era este um respeitavel major da guarda nacional, cuja idade, como as dragonas, indicavão que tinha a sua origem nos ultimos limites do seculo decimo-oitavo. Lembravão a revolução franceza, e portanto a guerra peninsular.

Deos me livre de zombar de gente tão respeitavel, e trahir a generosa hospitalidade de meus hospedes; mas é força que o confesse, tomou-me uma especie de riso interior ao ver esta scena, que tanto caracterisava as interesseiras e desproporcionadas allianças consorciaes do nosso tempo.

Uma moça de vinte annos casada com um homem de sessenta!... Uma aurora da primavera, fresca, rosada, vibrante de luz e de harmonias, cheia de perfumes, de sensações desconhecidas, de voluptuosos desejos, despontando em um dia invernososo, descorado, frio, envolto nas brumas, e exposto aos ultimos vendavaes da vida, como a arvore despojada, no encosto da serrania, ao gelido sopro da ultima estação do anno!... Quem póde comprehender esta anomalia das conveniencias sociaes, que vão de encontro a todas as leis da natureza, á propria dignidade da consciencia humana, e ainda aos mais sagrados preceitos da doutrina religiosa?

Pobre innocente!... Felizmente para ella, o casamento era apenas uma modificação na existencia, que aceitava sem ardor, mas tambem sem relucancia, como a realização de um conselho que por ventura seus pais ou parentes douravão com as seducções da conveniencia, do interesse, da riqueza, e de todas as promessas que quasi sempre seduzem as imaginações juvenis.

Sabemos que ha homens de idade capazes de concorrer para a felicidade de uma moça, com mais elementos de bom exito de que alguns homens mais novos; porém não podemos deixar de condemnar a desproporção das idades n'estas allianças, que são a base e o esteio da tranquillidade domestica, e o fundamento da moralidade social.

Acompanhámos o ceremonial em todas as suas formulas rituaes. Trocárão-se, depois da benção do sacerdote, os aneis de desponsal; e o acto mais solemne da vida ligou d'esse momento em diante dous entes a quem a idade, os habitos, as propensões, o pensamento, o coração e a alma distanciavão de quasi meio seculo!

Talvez tenham sido felizes; sou eu um dos que fazem mais ardentes votos para que o sejam; porém, costumado a ver o resultado d'estes enlaces condemnavéis, não posso deixar sem protesto passar estes acontecimentos, que poucas vezes podem ser justificados com razões que os ponhão ao abrigo de severa profligação! As excepções, longe de alterar, confirmão as leis, que são immutaveis e eternas.

Um lauto banquete esperava, terminado este acto, os noivos e os convidados. Mais de oitenta pessoas rodeárão a mesa e se preparárão para o assalto gastronomico, que sem duvida merecia bem a pena de ser recebido, a olhar-se para a variedade das iguarias e o appetite dos convivas, que mutuamente se provocavão.

Os jantares da roça já hoje devem merecer séria attenção dos que se dedicão, no Brasil, ao estudo e progresso da arte culinaria. As innovações da cozinha franceza, propagadas com tão louvavel escrupulo pelos hoteis da còrte, já de ha muito tempo transpuzerão as barreiras da capital, e se hão acclimatado, com grande desgosto dos pachorrentos rotineiros, nos dominios do succulento e gorduroso caldeirão dos tempos patriarchaes.

O classico leitão é o unico que ainda não foi preterido entre as escandalosas promoções dos outros assados. O leitão é um prato indispensavel em jantares de certa importancia, e goza dos fóros e immunidades de certas tradições innocentes na marcha dos grandes progressos sociaes, como, por exemplo, o chapéo afunilado, ou a casaca de golla alta, que se estranhão, mas tolerão, mesmo entre os rigoristas da moda, que são inflexiveis creaturas.

O leitão é uma especie de autoridade symbolica, influindo de certo transitoriamente entre as tendencias do passado e os impetos incontinentes do presente, que, sem este obstaculo, farião do mundo uma verdadeira *mayonnaise* politico-social.

Honra pois aos leitões, e aos perús, não menos dignos do reconhecimento da posteridade!

O primeiro quarto de hora de exercicio mandibular passou-se quasi em um estado de vergonhoso silencio. Não se ouvia mais que o som estridente dos talheres batendo nos pratos, e o respirar desigual de alguns convivas mais obesos, a quem o bolo digestivo obliterava momentaneamente a livre circulação das vias respiratorias.

Passado, porém, este caloroso afan, cahio a mascara incommoda da ridicula seriedade das casacas, e começou a jovialidade, aventurando os seus epigrammaticos tiroteios. Em breve a mais franca e completa alegria reinava de um extremo a outro da sala, como se o licor da vida fosse a palavra sagrada d'aquelle congresso cosmopolita, onde os productores erão ao mesmo tempo consumidores dos productos do mercado.

Ao passo que o jantar se adiantava, começárão a chover as saudes. Todos se julgavão com direito de subir á tribuna, e, invocando a eloquencia do copo, espalhar aos quatro ventos da sala a explosão de seus discursos, em que muitas vezes a grammatica e o bom senso forão as verdadeiras victimas.

O vigario fez uma saude aos noivos tão cheia de comparações lugubres ácerca de seus novos deveres, que o auditorio ficou com cara de choro.

O Sr. delegado, creio que disse, na invocação do seu argumento, que d'este dia em diante seria o Argus da segurança e da propriedade individual. Terminado o discurso, deixou cahir o copo.

O café, o milho, a mandioca, de envolta com a liberdade bancaria, o triumpho da opinião progressista, e as novas machinas de despolpar o algodão, tudo mereceu uma saude, um brinde, um grito de entusiasmo, uma aclamação ruidosa.

Seguiu-se depois uma longa resenha de nomes proprios, em que até tiverão parte alguns mortos, a quem se desejou que vivessem muito tempo.

No meio d'esta confusão toda, os donos da casa levantárão-se, e convidárão seus amigos a acompanhal-os á sala, onde os esperava a sobremesa.

Foi uma surpresa agradavel para nós todos. Entrámos em uma grande quadra, cujas paredes e tecto estavão guarnecidos de ramos de arbustos tão entrelaçados e espessos, que formavão um verdadeiro caramanchão. Algumas pequenas arvores, cujos troncos estavão pregados ao soalho, completavão esta deliciosa e agradavel illusão. Tudo estava combinado, tecido e enfeitado com admiravel gosto artistico.

Accrescente-se ao curioso effeito d'esta scena, que de todos os ramos, galhos, troncos e hastes da ramagem e do arvoredado pendião deliciosas frutas, elegantes caixinhas e cartuchos de confeitos, doces seccos envolvidos em papeis rendados; e sobre duas ou tres mesas rusticas, em harmonia com o adorno da casa, havia toda a qualidade de doces que póde appetecer o estomago mais goloso. Era uma verdadeira exposição de productos succarinos, variados sob todas as fórmas que a fantasia e a paciencia das engenhosas doceiras tinhão inventado para nos fazer admirar o seu talento.

Aqui fez-se com vinho de Champanha uma estrondosa saude aos noivos. A ovação tomou quasi as proporções do delirio. Um dos convivas deu um

abraço tão forte no noivo, que este teve de concertar as dragonas, e endireitar o pescoço entalado na golla dourada da farda.

Em continente começou o baile. Chegavão de toda a parte os convidados. Embora a cadencia da musica nem sempre estivesse de accordo com os pés e os movimentos dos dansarinos, que importava isso? Dansava-se, dansava-se, sem descanso, sem treguas, até não poder mais, até cahir rendido ou rendida.

Não sei a que horas nem de que modo terminou a funcção. Fui deitar-me, e fiz ainda varias considerações ácerca da festa que acabava de presenciar. Occorreu-me naturalmente o parallelo que se deve formar entre esta e as festas parvas, ceremoniosas e monotonas da cõrte.

Apezar de ser um velho que casava com uma moça, isto nada influia nas boas disposições dos convidados. Solemnisava-se o facto. Era a idéa que se commemorava, o vinculo social a que todos rendião culto. O casamento deve ser uma festa jubilosa, e não uma especie de ceremonial lugubre capaz de afugentar os mais infelizes celibatarios.

A sociedade é assim, composta do ridiculo e do sublime; mas aceitemo-la com seus instinctos naturaes, e não queiramos modificar os costumes, reduzindo-nos ao movimento cadenciado dos automatos nas horas solemnes das grandes alegrias da vida, nos dias mais memoraveis da existencia!

No meio de tudo isto quanto me fez rir e pensar, confesso-o, prefiro a franca jovialidade do roceiro á impertinente etiqueta dos casamentos burguezes de nossas grandes cidades.

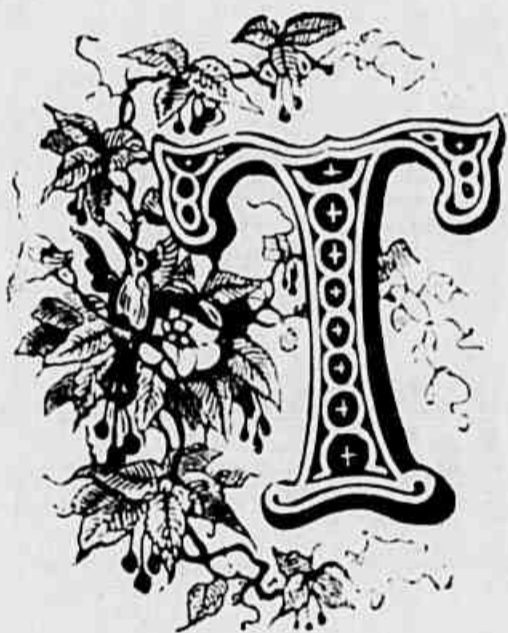
HOPE.





MOSAICO

O CACHE-NEZ



Todo o mundo ouve fallar em *cache-nez*, e nem todos ainda sabem o que é elle; e entretanto o bom do hospede estrangeiro atravessou os mares nos paquetes transatlanticos, apresentou-se em nossa alfandega e obteve carta de naturalisação sem que mudasse de nome, e a final passeia pelas ruas de nossa capital ao collo das moças e dos moços, pois o *cache-nez* pertence aos dous sexos, e serve ás mil maravilhas a todas as idades, desde o menino até ao velho decrepito!

Cache-nez!... diz a menina que sahe á rua, e que já teme endefluxar-se não levando o trajo da moda.

Cache-nez!... diz o moço que encontra a menina que elle adora, e que não conhece por causa da tal mantilha.

Cache-nez! cache-nez!... repetem os jornaes em seus annuncios como a importação mais moderna e indispensavel, e por preços muito commodos; e *cache-nez! cache-nez!* ouvem os pais e as mãis todos os dias, porque já não ha filho que não tema endefluxar-se, e por isso pedem, exigem, e até choramingão para obter o indispensavel *esconde-nariz!*

Mas, Deos do céu, introduzão essas reformas da moda sem offensa dos ouvidos portuguezes! Cada moda que vem para a nossa terra, cada traste que

se importa, cada melhoramento que se adopta custa-nos pelo menos um gallicismo, e alguns tão contrarios á indole da nossa lingua, que se podem tomar por puros dísparates! Digão lá as meninas da tafularia o que quizerem de mim, *cache-nez* é um dos vocabulos mais estupidos que se tem introduzido no nosso idioma, e isso no momento em que a cidade de Lisboa lança os fundamentos do monumento de Camões, o poeta que tanto celebrou

As armas e os barões assignalados,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção creê que é latina!...

Entre nós todos estão habilitados para dar carta de naturalisação a palavras estrangeiras, por menos adequadas que sejam ao nosso idioma. Ninguem se dá ao trabalho de procurar o termo equivalente ou de creal-o na sua falta. Inventá-se ou adopta-se uma tira de lâ para resguardar o collo, a garganta, e ainda mesmo o nariz, e chama-se a isso lá em França *cache-nez*; pois bem, entre *monsieur cache-nez* pela alfandega do Rio de Janeiro, e venha cá para a cidade com o mesmo nome, que ninguem se ha de offender com isto. É *cache-nez* em Paris, e que muito que o seja tambem no Rio de Janeiro? Ora essa é boa! *Cache-nez* é *cache-nez* mesmo, e ha de ser sempre *cache-nez*.

Os leiloeiros são os que dão maior somma de passaportes a esses barbarismos para que conservem entre nós os seus ares de estrangeiros, que é o que mais agrada ao nosso povo.

Após os leiloeiros vêm as modistas francezas, *ces demoiselles* que mal fallão o portuguez e que nem tempo têm de aprendê-lo, porque Brasileiro que entra em loja franceza e que não se exprime *en français* tudo poderá ser, menos civilizado, limado e *chevalier*!

No couce d'esta procissão apparecem finalmente os nossos traductores de palavra lá, palavra cá, que, benza-os Deos, tudo poderão saber, menos o que é portuguez de bom quilate.

O pobre Francisco Manoel, que como poeta era mais conhecido por Filinto Elysio, perdeu o seu tempo em gritar contra os francelhos, e S. Luiz, que escreveu inutilmente o glossario dos gallicismos, ahi estão no esquecimento; ninguem os lê, e a moda dos gallicismos invade tudo; o estylo das nossas palestras, dos nossos escriptos, dos nossos discursos parlamentares, é afrancezado; a phraseologia resente-se do quer que seja da phraseologia franceza, e os vocabulos ahi andão ás mãos cheias por todas as bocas e por todos os ouvidos, e a final nem seremos Francezes nem Portuguezes na nossa lingua, mas ambas as cousas, e para isso já Franciscão Manoel tinha como providente achado o termo proprio, que é *galliciparlaz*.

Até agora dizia-se em portuguez *sobrecarta*; mas agora, com a introdução das sobrecartas francezas, *engommodas* e perfumadas, já ninguem diz senão *enveloppes*! Ao principio ainda alguns ouvidos mais refractarios trocarão *enveloppes* por *involutro*; mas a moda repellio o termo por esdruxulo. A palavra *sobrecarta* é mais adequada, mais harmoniosa e menos barbara, e assim dir-se-ha sempre na lingua de Camões, e até guardará tal ou qual analogia com o termo *sobreescrito*, que tambem se pretendeu mudar em *adresse*, quando tinhamos *endereço*! Esse, porém, não pegou, porque o commercio não teve até agora de entender com elle, e o commercio é a perdição da pureza da nossa rica e bella lingua. *Enveloppe* é termo já admittido, até nos nossos sertões! Nos desertos de Mato-Grosso, nas florestas do Alto-Amazonas, já não se diz *sobrecartas*; importárão a mercadoria franceza, e o termo lá foi com ella! *Enveloppes* dirão em breve o Guarany, o Guaycurú e o Tapuia!

E como essas modas nos fazem mal! Ninguem olha para essas bagatelas; idolos, porém, da moda, nós pagamos muito cara a nossa idolatria. O *enveloppe* é hoje em dia uma necessidade, que até aqui remediavamos com uma tira de papel; é pois um tributo mais que pagamos á industria estrangeira, e não vemos que de gotta em gotta se forma um lago! e que a nossa importação sobrepuja a exportação! Em tudo queremos imitar a Europa com prejuizo nosso! Até agora enrolavamos os nossos tijolos de *goiabada*, *araçada* e *limonada* em folhas de bananeiras, e tão bem que se pensava que era papel; hoje hão de ser acondicionados em caixas de *flandrina*, ou folha de Flandres, e, tributarios dos estrangeiros, lhes agradecemos o beneficio, deixando em santo repouso as folhas das bananeiras. Ora, folhas de bananeiras! Não ha de ser por ahi por certo que se ha de empobrecer o imperio! E viva o *cache-nez*!

Os Francezes são na verdade o povo que mais abusão do *nariz*; mettem-o em tudo. Já não são assim os Portuguezes, comquanto primeiro que ninguem vissem muitas terras, corressem muitos mares e circumnavegassem o globo. O que os Francezes tomão por *nariz*, tomárão sempre os Portuguezes por *cara*, *rosto*, e o que sei eu?

Jeter quelque chose au nez vale tanto como se dissessemos *lançar alguma cousa em rosto a alguém*.

Fourrer son nez partout é o mesmo que *intrometter-se em tudo o que lhe não importa*.

Avoir toujours le nez sur quelque chose ha de traduzir-se por *estar sempre applicado a alguma cousa*.

Se casser le nez en terre é *dar com os bigodes na arêa*.

Au nez de quelqu'un vem a ser *nas barbas de alguém*.

Faire un pied de nez toma-se por *fazer-se zombaria*.

S'arracher le nez pour faire dépit à son visage quer dizer que se tire dous olhos a si para se tirar um ao companheiro.

Avoir toujours une marque sur le nez equivale a ter sempre uma mascara na cara.

Fermer la porte au nez de quelqu'un não é melhor de que pregar com a porta na cara de alguém.

Avoir bon nez serve tanto como ter bom olfato.

Cet homme a du nez ha de tomar-se por homem fine, que vê longe e sabe o que faz.

Rire au nez de quelqu'un dá traduzido zombar na propria presença.

Mettre le nez dans les livres é começar a estudar.

Avoir toujours quelqu'un sur le nez traduz-se por ser continuamente molestado.

Avoir le nez tourné à la friandise diz-se da moça que mais pecca pelos olhos do que pelo nariz.

Emfim, até em França as telhas têm nariz, *nez de tuile*; e não é muito que de telhas abaixo se procurasse esconder tanto o nariz, quando apparecia por toda a parte, que dêsse em resultado a invenção do *cache-nez*.

Entre nós não ha grande necessidade de esconder-se o nariz, salvo as horas em que se soltão os tigres, se é que elles não andão soltos todo o santo dia, e n'esse caso a importação do *cache-nez* na capital do Brasil deveria ser livre de direito. O que as moças precisão resguardar, e tambem os moços, por causa dos resfriamentos, é o collo, a garganta, o pescoço, tão sujeitos a mil incommodos pequenos, insignificantes, mas que se aggravão de tal modo, que a final cruza a medicina os braços e deixa aos coveiros todo o trabalho.

SEBASTIANOPOLINO.





POESIA

AMORES

Quando em tristeza minha lyra envolta
Não tenha cantos festivaes, ardentes,
Nem cordas d'ouro,
Nem sons frementes,
Pede, ó donzella,
Ao nume louro
Douradas cordas, o meu thesouro.

Quando incessantes, de prazer anciosos,
Ciosos
Meus olhos busquem-te, ó gentil donzella,
Zela
A sua mágoa, e corre pressurosa,
Rosa!

Quando meus labios não murmurem fallas
Pelas chammas d'amor incendiadas,
Quando a desgraça
Desesperadas

Canções' os faça
 Tristes soltar,
 Vem, ó formosa, prazer lhes dar!

Quando as flôres de meu peito qu' ridas
 Idas
 Sejão á campa, á força da desgraça,
 Graça
 Vem trazer-lhes, e vida e luz, frescores,
 Côres!

Quando meus labios de sorrir s'esqueção;
 Quando meus olhos de chorar se cerrem;
 Quando meus cantos
 Já não encerrem
 Diva alegria,
 Magos encantos;
 Ou quando o peito meu só tenha prantos;

Rouba as azas dos anjos pressurosa,
 Rosa!
 E corre a teu constante trovador;
 A dôr
 Dos labios me afugenta, dá encantos,
 Cantos
 A' lyra já sem cordas, e á minh'alma
 Calma!

Desterro, 1865.

JOSÉ ELISIARIO DA S. QUINTANILHA.





JORNAL DAS FAMILIAS

Aberto de 1864



MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Toilette de menina de 13 para 14 annos. — Vestido e cabeção redondo de seda riscadinho, milho escuro, guarnecido de pontas de tafetá preto dispostas de tres em tres e com franjas de passamanaria; pequeno chapéo de palha de Italia, ornado de veludo còr de amor-perfeito, tufo de plumas brancas e còr de amor-perfeito na frente, e comprida pluma branca encrespada cercando um dos lados da borda.

Toilette de joven senhora. — Vestido de garça de seda branca com grãos azues, e corpinho decotado; casaquinha Pompadour formando fichú de ponta sobre o corpinho, e quatro compridas abas, duas das quaes cahem por trás e uma de cada lado. A guarnição compõe-se de estreitos babados de cabeça guarnecidos de fita azul. Cinto de tafetá azul. Touca de renda branca com laços de fita azul.

TRABALHOS

TOALHA DE ALTAR. N° 2.

Principalmente para as pessoas que desejão desenhos para colorir mandámos arranjar este modelo; entretanto as bordadoras poder-se-hão tambem d'elle utilizar.

Fallemos primeiro do trabalho de colorir. Tomar-se-ha uma larga tira de papelão Bristol ou de papel assetinado um tanto forte, no qual reproduzir-se-ha o debuxo. Depois pintar-se-ha de aquarella. Sobre a bandeirola estende-se uma ligeira tinta de ocre, que se realça fortemente até o pardo dourado; as letras são pretas com contornos de ouro. As hastes e os enlaçamentos far-se-hão de um pardo vivo realçado de ouro ou

amarello; nas folhas póde-se muito fantasiar, e além dos variados matizes do verde, misturar-se-hão côres pardas, encarnadas e amarellas. Dar-se-ha uma mão de branco sobre as açucenas, sombreando-as com cinzento e azul. O pistillo e os estames amarellos realçados de côr de laranja. Os pequenos ramos de murta devem ser de tinta brilhante, *cinza verde*, afim de destacarem-se do resto da folhagem. O todo d'este modelo será de encantador effeito se fôr pintado com vigor e gosto, e poderá servir de ornamento a um alfar da Virgem.

Póde-se tambem bordal-a ao *passé* (bordado chato), porém é necessaria bastante pratica para acertar. Riscar-se-ha o debuxo sobre melania ou bonito tafetá branco. O contorno da bandeirola bordar-se-ha de cordãozinho de seda, quer preto, quer cinzento; os sombreados serão marcados por pontos feitos com seda cinzenta para a parte de cima, e preta para a parte de baixo. As letras com seda preta com os contornos de ouro. As hastes e os enlaçamentos poder-se-hão fazer, para mais variar o trabalho, com contornos de cordãozinho enchidos com *point d'armes*, as folhas e as flôres ao *passé* com os centros em *point d'armes*. Quanto ás côres, seguir-se-hão as indicações dadas para colorir.

Eis outra combinação: em fundo de melania azul, bandeirola branca sombreada de cinzento e preto, letras pretas e ouro, ornatos matizados desde o amarello até o cinzento *terra de Sienna queimada*.

Finalmente, o nosso modelo póde-se reproduzir em bordado rofo sobre cassa, ou em applicação sobre filó.

PORTA - PHOSPHOROS. N° 4.

Materiaes. — Fôrma de arame; uma peça de froco encarnado, e duas peças de froco verde, uma clara e outra escura; um maço de contas brancas; quatro metros de fita de morim.

Eis uma pequena fantasia que agradará ás nossas leitoras: toma-se a fôrma de arame já preparada e cobre-se com fita de morim, depois com froco encarnado, á excepção das folhas, que se cobrem com froco verde gaio, e do resto do pé, onde se passa froco verde escuro. Os compartimentos da concha enchem-se alternadamente com ordens de contas brancas enfiadas e de froco encarnado. Este trabalho não offerece difficuldade alguma e produz lindo effeito.

CAIXINHA PARA JOIAS. N° 26.

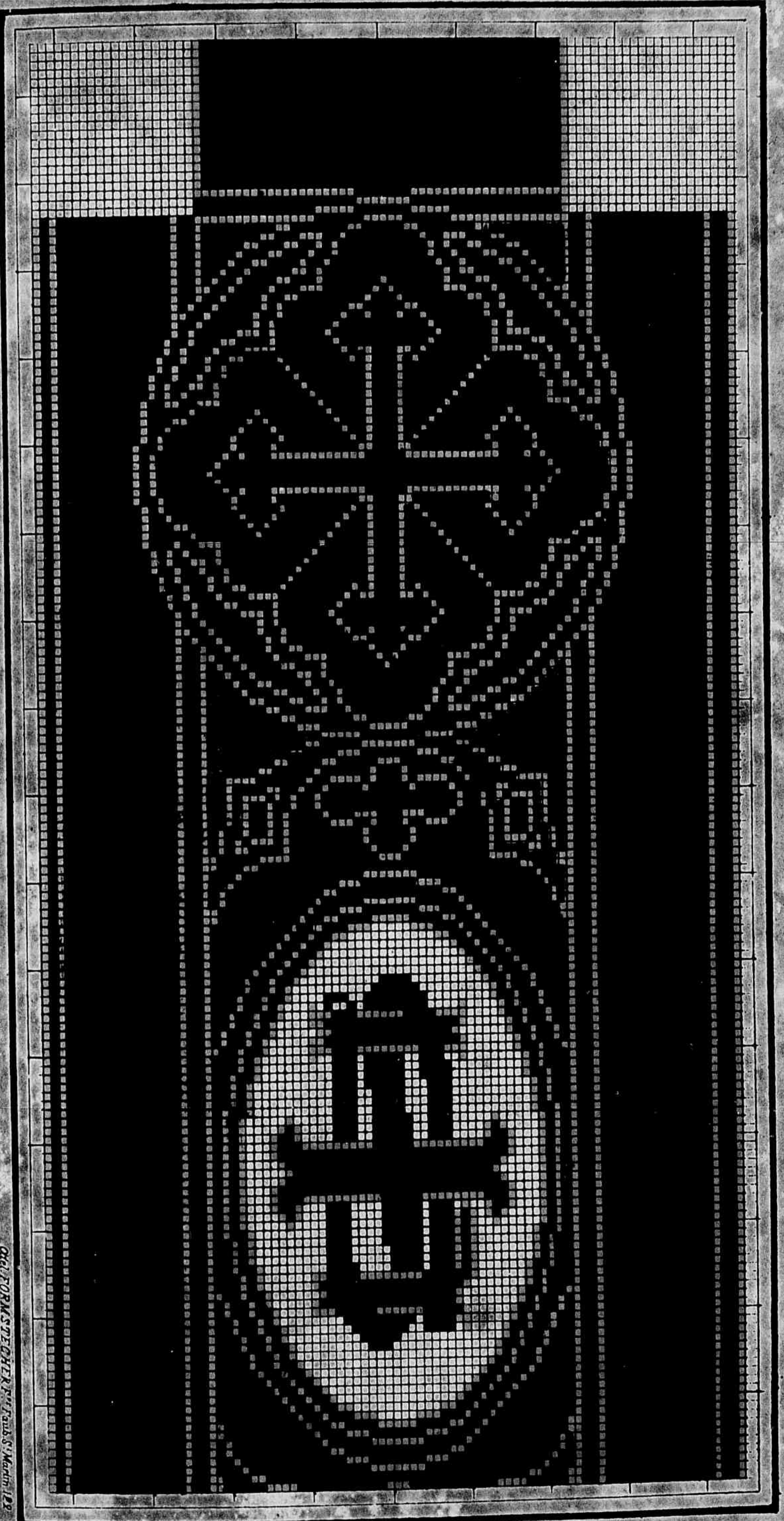
Materiaes. — Fôrma de arame; duas peças de froco azul; um maço de contas de agatha; dous maços de contas de Allemanha transparentes; oito metros de fita de morim.

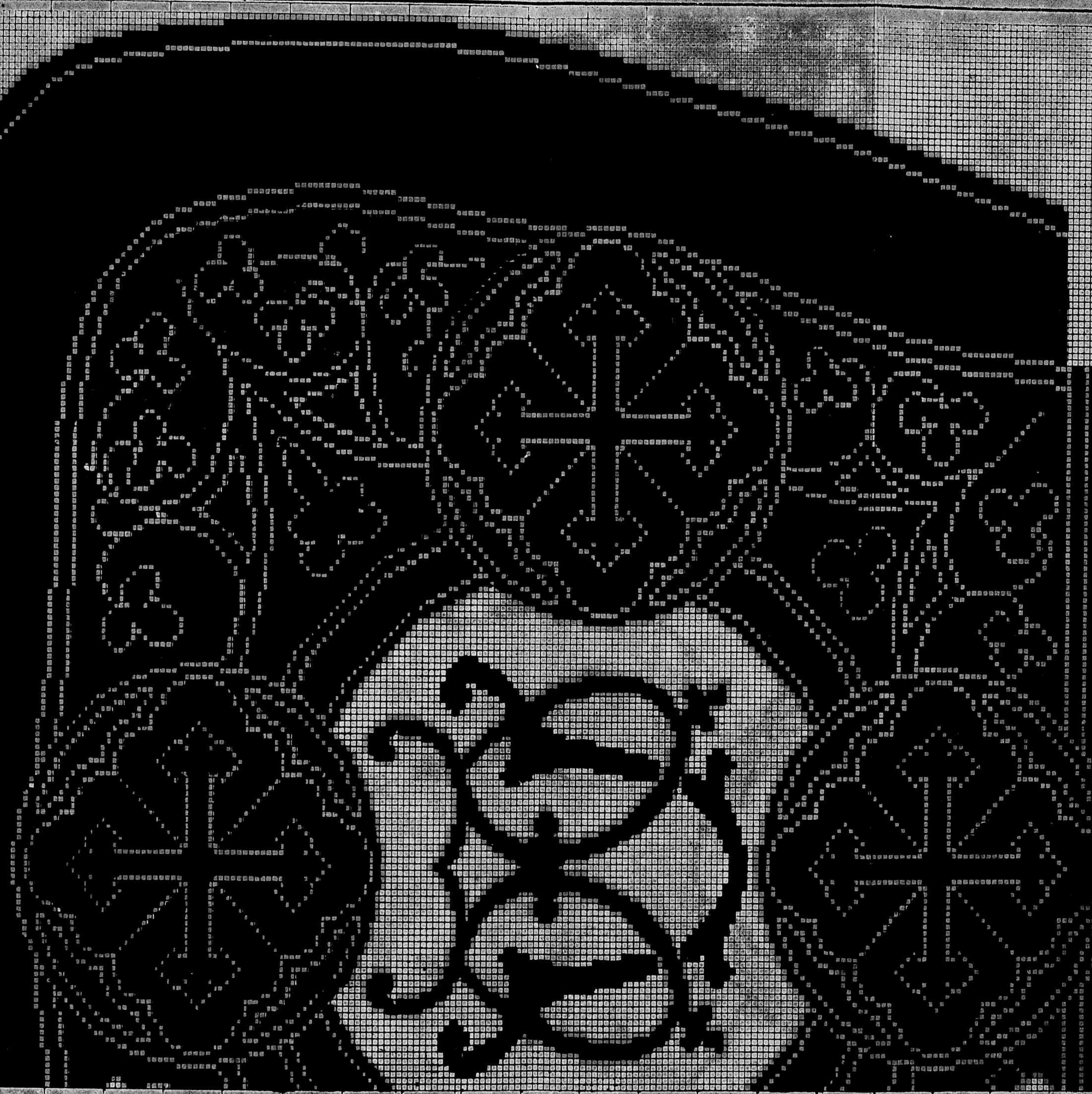
Este trabalho é do mesmo genero que o precedente; depois de coberta toda a fôrma de arame com fita de morim, fazem-se as estrellas com contas entre cada quadrado; enfião-se primeiro tres contas transparentes, e poem-se ao vizez em um dos quadrados; pica-se depois no angulo opposto, enfião-se tres contas transparentes, pica-se na grossa conta rofa, enfião-se outras tres contas transparentes, e amarra-se a linha por baixo, de modo que fique a estrella completa. Quando estão cheios todos os quadrados cobrem-se todos os contornos com froco azul. Abre-se a caixinha por meio de uma pequena dobradiça. Serve para guardar as joias miudas e outras bagatelas que á noite põe-se em cima do toucador.

JORNAL DAS FAMILIAS

Agosto de 1864

Old Town Stecher's Fall, S. Martin, 189





Atel. FORKSTEINER, 1864, S. Martin, 1864

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

- Nº 1. — Collarinho direito de panno de linho ou morim dobrado, pespontado, com bordado de ponto russo com lâ meio torcida de dous fios preta ou de côr.
- Nº 2. — Toalha de altar. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 3. — *C. B.* — Iniciaes. Cordãozinho.
- Nº 4. — Porta-phosphoros. Froco e contas. (*Vide os trabalhos.*)
- Nºs 5 e 5 bis. — Guarnições recortadas e bordadas para vestido de criança, camisolas russas e outros objectos de rouparia. Para obter o entremeio sortido basta repetir o desenho supprimindo o recôrte.
- Nº 6. — *L. C.* Grandes iniciaes. Cordãozinho, ponto de relevo, e ilhós abertos. Para marcar roupa de mesa, lençóes e fronhas.
- Nº 7. — Iniciaes pequenas, ponto de relevo, para marcar roupa.
- Nº 8. — *L. R.* Iniciaes. Ponto de recôrte.
- Nº 9. — *Honorina.* Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e *point d'armes.*
- Nº 10. — *L. C.* Iniciaes de cordãozinho e *point d'armes*, tendo por cima uma corôa de marquez.
- Nº 11. — Quarta parte de um lenço de algibeira. Bordado em ponto de relevo, recôrte e *point d'armes.*
- Nº 12. — *A. C. H.* Iniciaes. Recôrte e cordãozinho.
- Nº 13. — Punho alto de panno de linho dobrado, pespontado, com bordado de ponto russo, irmanado com o collarinho nº 1.
- Nº 14. — Collarinho para bordar sobre *nanzouk* fino; faz-se a bandeirola com contornos de cordãozinho, cheio o interior com ilhós e *point d'armes*; ramalhetes em ponto de relevo.
- Nº 15. — Escudo para canto de lenço; recôrte ponto de relevo, *point d'armes* e *point d'échelle*; iniciaes *C. D.* de cordãozinho.
- Nº 16. — *A. R.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo e *point de poste.*
- Nº 17. — *V. H.* Iniciaes entrelaçadas com flôres-de-liz. Cordãozinho, *point d'échelle* e ponto de relevo, com pontinhos de côr.
- Nº 18. — Quarta parte de lenço, abainhado aberto, semeado de grãos e de flôrzinhas, e ramalhete em ponto de relevo em cada canto.
- Nº 19. — *Celania.* Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e *point d'armes.*
- Nº 20. — *R. L.* Iniciaes entrelaçadas. Cordãozinho, *point d'échelle* e ponto de relevo.
- Nº 21. — *A. V.* Iniciaes. Ponto de recôrte.
- Nº 22. — Cercadura de *point de poste* para casaquinha ou vestuario de crianças; este desenho tambem servirá para almofadinha de cassa ou para canto de lenço.
- Nº 23. — *Alina.* Nome para canto de lenço. Ponto de recôrte.
- Nº 24. — *H. C.* Iniciaes para bordar sobre talagarsa.
- Nº 25. — Guarnição recortada para roupa branca.
- Nº 26. — Caixinha para joias. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 27. — *H. S.* Iniciaes. Cordãozinho e ponto de relevo.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de corpinho afogado, com corselete. — Faz-se este corpinho para vestido d'cassa, *barége*, *grenadine* e outras fazendas claras. Faz-se o corselete em tres partes, ea

frente (nº 5), as costas (nº 4), e o pequeno lado (nº 5). Forrão-se estas tres partes com melim e reúnem-se por meio de um debrum; acrescenta-se por trás uma pequena aba (nº 7). Prega-se na manga (nº 8) a cava das mangas do corselete; esta não se forra, mas dobra-se o jockey (nº 6), que se põe sobre a hombreira. Corta-se depois a parte afogada do corpinho, a frente (nº 1) e as costas (nº 2). Fazem-se pregas chatas dobrando a fazenda de uma a outra linha de pontinhos; acrescenta-se no interior do corselete esta parte franzida, que não deve ser forrada. Abotoa-se adiante, assim como o corselete. Guarnece-se á roda do pescoço e no meio da frente com fofos; os mesmos fofos cercão o alto do corselete, acompanhão o contorno da hombreira e fingem um canhão sobre a manga. A pequena aba, que não se forra, está guarnecida com fofos iguaes. Para fazerem-se estes fofos corta-se uma tira de fazenda de cinco centímetros de altura, dobra-se em canudos e prega-se no meio com uma costura. A tira que se emprega deve ter sempre dobrado comprimento do que a largura do objecto que se quer cercar.

Póde-se tambem fazer o corselete de tafetá preto ou de còr, e a parte afogada, bem como as mangas, de cassa branca. O nº 9 mostra o todo do corpinho visto por-diante e por trás.

Nº 10. — Pequeno alphabeto gothico. Este alphabeto serve, quer para bordar de cordãozinho, para marcar roupa, quer para reproduzir em ouro e còres na pintura sobre porcellana ou na illuminação de estampas.

Nº 11. — *C. D.* Iniciaes para roupa. *Recóрте point de rose.*

Nº 12. — Mesmas iniciaes mais pequenas para lenços.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA COLORIDA.

Servem estes dous desenhos para genuflexorio. As bellas e brilhantes tintas da cercadura principal, perfeitamente dispostas, formão encantador contraste com o centro de fundo branco, onde se achão as iniciaes da Santissima Virgem em estylo da idade média e com os suaves matizes da orla externa. As nossas assignantes não encontrarão por certo difficuldade em reproduzir este modelo, constando a tapeçaria de tintas lisas e de um desenho regular.

